

COMUNICAÇÃO ORAL PRESENCIAL - PEDAGOGIAS INSUBORDINADAS

CORPOS INSURGENTES, GESTOS DE LEVANTES

Denise Espírito Santo (deniseespirito@gmail.com)

Erika Cristina Dos Santos Monteiro (erikamonteiro.arteducacao@gmail.com)

As cidades constituem um dos mais importantes laboratórios para pensarmos a experiência da vida moderna e das transformações ocorridas nas formações subjetivas ao longo dos últimos dois séculos ou pouco mais. Alguns dos aspectos centrais dessas transformações responderam por fenômenos característicos desta nossa era: a presença fantasmal da multidão e por consequência, uma existência anônima sob o peso do sentimento de isolamento e esgarçamento dos vínculos comunais que dão forma à natureza gregária da espécie humana desde nossos ancestrais.

A percepção de um tempo mais acelerado decorrente da presença dos meios de locomoção de massa, do surgimento das “artérias” nervosas que nas cidades ligam pessoas e lugares numa cadeia infinitesimal, mas também pela invenção dos dispositivos de captura e serialização da imagem, enfim, todas essas mudanças foram determinantes para uma violenta reestruturação dos sujeitos em tudo que os conecta as suas vivências sensoriais, motoras, cognitivas e perceptivas. Com isso, as imagens que incidem fora do corpo, ou seja, aquelas que se materializam em imbricadas correlações com a(s) engrenagem(s) do capital, do estatuto serial e industrial do trabalho, das sociabilidades e do cotidiano, das opressões de gênero e do problema do racismo que estrutura a sociedade brasileira como um todo, irão incidir também

sobre os aspectos moleculares dos sujeitos e influenciar os modos de habitar, pertencer, partilhar, governar, rebelar-se nesta dinâmica dos corpos com/a/na cidade. Com isso, presumimos que não existe um “fora” do corpo que não seja constituído por muitas dessas imagens que o habitam internamente.

Foi a partir do livro de Didi-Huberman, *Levantes*, que compreende uma antologia de textos sobre “gestos de levantes” e contam com autores importantes que têm se dedicado aos temas da “multidão”, dos “corpos em assembléia”, das “imagens e corporeidades que reivindicam 'o direito à cidade'”, sendo alguns desses – Judith Butler, Antonio Negri, J. Mondzain, que decidimos ancorar essa pesquisa sobre *CorposCidade* no acontecimento levante. Primeiro, porque já intuía uma secreta aproximação entre as movimentações da multidão, muitas vezes anódinas e capturadas pelas imagens postas para circulação nos sistemas logaritimizadas das mídias, com o que poderíamos também depreender como “performatividades do corpo-cidade”. Verdade seja dita que atravessamos os últimos anos no Brasil com a ascensão de agrupamentos de natureza neofascista, onde uma população de pessoas lobotomizadas foram às ruas defendendo pautas autoritárias, retrógradas, utilizando-se muitas vezes de semelhantes dispositivos de mobilização dos corpos, das coletividades que ensejam uma “estética libidinal” calcada no reacionarismo, na distopia e no imperativo da violência enquanto linguagem.

Portanto, o texto de Didi-Huberman que se dedica pensar nas revoltas e insurreições populares que atravessaram toda a segunda metade do século XX no mundo, como os levantes da Praça Tahir no Egito, 2011; os levantes da juventude ucraniana na Praça Maidan na Ucrânia, 2012; as manifestações de junho 2013, Brasil; as marchas das mulheres e de movimentos icônicos como “Me too”, dentre os muitos e diversos agrupamentos de “levantados”, não deixam margem de dúvida sobre a existência de movimentos micropolíticos capazes de redefinir as práticas coletivas, mas igualmente as pautas e agendas sociais da contemporaneidade. Nos interessa aqui levantar esse debate no contexto dos processos de criação e de composição cênica, uma vez que a dimensão performativa dos levantes e revoltas populares são fortemente “tocados” por esses corpos insurgentes e por esses gestos de levantes.

Palavras-chave: corpo-cidade-levante-gestos.